

Cerimonial da Capela Real

Um manual litúrgico de D. Maria de Portugal (1538-1577)
Princesa de Parma

José Maria Pedrosa Cardoso



INCM

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

ÍNDICE GERAL

Nota de abertura	9
Introdução	II
[Padrão de D. João III]	37
[Calendário litúrgico da Capela Real]	40
Ceremonias da capella del Rey nosso senhor	52
Renda da cappella del Rey	56
A maneira como aponta ho apontador	56
Officiais da capella	64
Officio do Capellão Moor	64
Officio do Adayão	64
As antiguidades da capella de Sua Alteza	65
Officio do tesoureiro	66
Modo de como se concerta o altar da capella del Rey	66
Estrado del Rey	71
Deitar da agoa benta	72
Dar do livro	73
Dar da paz	73
Offerta	74
Officio das camdeas	75
Quarta feyra de cinzas	77
Officio de Dia de Ramos	79
Feria tertia	87
Feria quarta	87
Officio das trevas	87
Feria quinta officio da quarta feyra	89
Officio de sesta feyra	91
Officio do sábado samto	101
Ao sabado as completas	108
Dia de Páscoa	109

Dia de Páscoa aas vesporas	111
Ascensão	114
Vigília Pentecostes	114
Santo António de Padua	114
Corpus Christi	115
Vésperas de Todos os Santos	115
Missa de defuntos	116
Officio da noite do Natal	118
Cerimonia do pomtefical	118
Como se leua o incenso a el Rey Rainha príncipe e infantes	122
Bencão	124
A bencão da mesa	125
Regimento do baptismo que se faz aos filhos de el Rey	126
Modo de como se recebem os noivos	127
Ordem das procissões em que el Rey vay	127
O que tem o capellão que el rey manda fora	128
Mercês que el Rey faz aos capellães camtores	128
Velatioones	128
Officio da comsegração episcopal	130
Officio do desimviolar alguma igreja	137
O modo que se a de ter no incensar	138
O que tem o capellão que el Rey manda fora	139
Mercês que el Rey faz aos capellães, camtores e moços da capella	139
O que tem a lauandeyra da capella	139
Confraria da capella del Rey	139
Aditamento Musical	141
1. Levantamentos do Oficiante (notação moderna)	142
2. Bêncão Episcopal (ff. 248-249) (notação moderna)	145
3. Kyrios das Trevas (ff. 250-262) (notação moderna)	147
<i>Feria quarta in nocte</i>	147
<i>Feria quinta</i>	150
<i>Feria sexta - idem in ligno pependite</i>	155

Introdução

Ao contrário do *Livro de Cozinha* da Infanta D. Maria, o Cerimonial da Capela Real, herança da mesma, tem sido quase ignorado. Em simultâneo com o incremento dos estudos sobre a relação histórico-cultural de Portugal com a Europa¹ e concretamente sobre a Princesa de Parma,² foi uma simples casualidade, no âmbito da investigação musicológica, que levou ao conhecimento, em 1996, deste notável documento.

O Cod. I. E. 32, que ostenta o título de *Cerimonias da Cappella del Rey*, faz parte de um pequeno lote de livros portugueses da Biblioteca Nacional de Nápoles³, provenientes do ducado farnesiano de Parma, aonde chegaram, em 1566, na bagagem da Princesa D. Maria, recém-casada com Alexandre Farnésio.

Estes livros, no seu todo, foram até hoje referenciados por Alfonso Miola⁴, Achille Pellizzari⁵ e Erilde Reali⁶. Segundo a versão de Pellizzari, os restantes livros são os seguintes: Cod. I. E. 33 – *Trattato di cucina spagnuolo*: é o *Livro de Cozinha da Infanta* (fins do século XV e princípios do XVI); Cod. I. E. 29 – *Theol. S. Buonav.*: contém a *Mistica Teologia de S. Boaventura*; Cod. XII. D. 91 – *Euclid. Perez & Altim.*: é o Tratado de Euclides Megarense, traduzido por Domingos Peres; Cod. I. E. 31 – *Rag. di Mil.*: é uma descrição da cidade

1 Cf Giuseppe Bertini, «Parme, Lisbonne, Bruxelles», in *Portugal et Flandre: Vision de l'Europe (1550-1680)*, Bruxelles, 1991; J. Everaert e E. Stols, *Flandres e Portugal na Confluência de Duas Culturas*, Lisboa, Inapa, 1991; Vários, *No Tempo das Feitorias: a Arte Portuguesa na Época dos Descobrimentos*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 1992; Antonio Camoes Gouveia, «La fiesta y el poder: el rey, la corte y los cronistas del Portugal del siglo XVI», in *La fiesta en la Europa de Carlos V*, Sevilla, Real Alcázar, 2000.

2 Este estudo tem sido promovido, em Portugal, sobretudo pelo Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Entre as publicações, sobre este assunto, citem-se José Adriano de Freitas Carvalho (dir.), *D. Maria de Portugal (1538-1577), Princesa de Parma: monumenta sparsa*, Porto, CIHE, 1998; Giuseppe Bertini, *Maria di Portogallo sposa di Alessandro Farnese: Principessa di Parma e Piacenza dal 1565 al 1577*, Parma, Ducati Editore, 2001.

3 A deslocação daqueles livros de Parma para Nápoles deu-se em 1734, quando Carlos III se tornou rei de Nápoles. Cf. Bertini, 1995, p. 125, nota 1.

4 Alfonso Miola, *Notizie di manoscritti neolatini. Parte prima: Mss francesi, provenzali, spagnuoli, catalani e portoghesi della Biblioteca Nazionale di Napoli*, Napoli, Federico Furchheim, 1895.

5 Achille Pellizzari, «I Manoscritti Portoghesi della R. Biblioteca Nazionale di Napoli», *Separata de Studi di Filologia Moderna*, Ano II, 1909, fasc. 3-4.

6 Erilde Reali, «Manoscritti portoghesi della Biblioteca Nazionale V. E. III di Napoli», in *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, vol. IV, n.º 1, 1963, pp. 99-110.

de Milão (com uma «Carta a D. Duarte tio del Rey D. Sebastião»); Cod. I. E. 34 – *Scripta ua P. Rogerij*: contém uma compilação de escritos religiosos, alguns em latim e outros em português, um deles com a data de 1581; Cod. I. E. 27 – *Livro di Prediche in lingua portughese del B. Egidio* (finais do século XVI): um autógrafo de pregações.

Ao falar do I. E. 32, A. Pellizzari descreve com algum pormenor o seu conteúdo, não ocultando também alguma ironia nas suas palavras – «Si enumerano e si descrivono con cura spagnuolescamente minuziosa le cerimonie per ogni giorno dell’anno...»⁷ (p. 7). Reali, que reproduz a primeira página do códice, repetindo as palavras daquele, refere-se expressamente ao apêndice musical manuscrito: «Dalla carta 248r alla 262r vi sono delle notazioni musicali per le messe e le altre funzioni cantate»⁸. A insuficiência da informação, no que à música se refere, tinha sido já declarada por Miola: «In fine son varie preci in latino con le note musicali.»⁹ Ficava, assim, esquecida uma das notas mais originais do códice napolitano.

Só ultimamente apareceu nova referência histórica a este livro português de Nápoles através de um estudo parcial de Annemarie Jordan¹⁰.

É convicção dos investigadores já citados que o Cod. I. E. 32 pertenceu à biblioteca pessoal da Infanta D. Maria. Segundo Pellizzari este Ms. é «la prova lontana d’un suo tentativo – certo fallito – di ridurre e ordinare secondo le norme severissime del suo paese almeno i ritti sacre nella Corte di Parma»¹¹. E, referindo uma prática litúrgica italiana porventura mais ligeira e descuidada que teria chocado a «alma candida» da princesa, explica, sempre com ironia, o seu interesse por este livro: «Forse rilesse per suo conforto e per memoria, nei giorni di scoramento e di nostalgia, anche il pio cerimoniale, e si rivide bimba e giovinetta assistere coi grandi occhi aperti, tutta presa da un turbamento soave, alle feste solenni nella capella reale, inchinandosi i preti e i chierici dinanzi a lei un po’meno profondamente che innanzi al santo Sacramento sugli altari.»¹² Esta ideia é retomada por Giacinto Manuppella, segundo o qual os livros que a infanta levava de Portugal «havam de lembrar a Pátria longínqua e ajudá-la a matar saudades...»¹³ No entanto, com Giuseppe Bertini, admite-se que «uma corte de cerca de trinta pessoas» que a infanta levava consigo, na qual entrava o seu confessor, justificando uma prática litúrgica particular, podia criar «problemas de convivência» em Parma¹⁴.

7 Pellizzari, *op. cit.*, p. 7.

8 Reali, *op. cit.*, p. 101.

9 Miola, *op. cit.*, p. 95.

10 Annemarie Jordan, in Giuseppe Bertini (ed.), *Maria di Portogallo...*, 2001.

11 Pellizzari, *op. cit.*, p. 4.

12 *Ibidem*, p. 5.

13 Manuppella, 1967, p. XVIII.

14 Bertini, 1995, p. 119.

Quem era a Infanta D. Maria?

Filha do Infante D. Duarte (1515-1540), duque de Guimarães, e de D. Isabel de Bragança (†1576), nasceu em 1538, em pleno reinado de D. João III, seu tio, vindo a falecer em 1577, um ano antes da morte de D. Sebastião, seu primo. A sua irmã, D. Catarina, foi avó do futuro D. João IV. D. Maria mal conheceu o seu pai, o Infante D. Duarte, um homem «muito inclinado às letras, e armas, grande caçador, e monteiro, e muito músico»¹⁵, mas herdou do mesmo a tendência para o saber e a arte.

Viveu numa época de grande incremento humanista e cultural, em que brilharam nomes como André de Resende, Damião de Góis, João de Barros, Pedro Nunes, Francisco de Holanda, João de Ruão, João de Castilho e Gregório Lopes, na qual sobressaíram algumas mulheres humanistas.

Segundo Carolina Michaëlis de Vasconcelos¹⁶, D. Maria é uma das damas quinhentistas portuguesas ilustres por letras, aparecendo entre a Infanta D. Maria, Paula Vicente, Luísa e Ângela Sigea e Públia Hortênsia de Castro. Frequentou a aula feminina da Infanta D. Maria, sua tia, assimilando a erudição e a cortesia das damas que a frequentavam¹⁷. Muito interessada em estudar o ambiente cortesão na época, Carolina Michaëlis vê o início da decadência dos serões portugueses na partida para Itália, em 1565, da futura princesa de Parma.

Testemunho do ambiente festivo e cultural que rodeava a infanta durante a sua vida de solteira são os relatos conhecidos das festas realizadas em Lisboa e em Bruxelas por ocasião do seu casamento¹⁸.

Mais que a sua cultura – «Ella possedeua la lingua latina, più que mezaneamente, & in modo, che in quella poteua parlare, & scribere molto bene, haueua della greca assai buona cognitione; di filosofia, & matematica ne sapeua più che à bastanza [...]. Haueua ancor gran pratica della sacra scrittura, la quale studiauua diligentemente, massime prima che si maritasse»¹⁹ –, ficou célebre a sua inclinação para a espiritualidade – «Doppò altro non studiauua, che libri spirituali, & particolarmente quelli, che muovono gli affetti: ella gustaua assai

15 Góis, 1790, 3.^a parte, p. 350. A musicalidade de D. Duarte é ainda acentuada por Garcia de Resende: «foi o Infante [D. Duarte], que haja glória, dado à música e tão destro em ela, que sem prever cantava qualquer papel que lhe presentavam, e com gentil ar e melodia. Fazia trovas sentenciosas, e guardadas todas as leis e arte de bom trovar...» (Resende, 1963, p. 96).

16 Vasconcelos, 1994, p. 94, nota 215 B.

17 «Entre a seguinte geração de meninas, que estudaram sob a égide de Joanna Vaz, Luisa e Ângela Sigêa, [...] as de mais nomeada são de sangue real e sobrinhas suas: a Princesa D. Maria de Portugal, e as senhoras D. Maria, futura duquesa de Parma, e D. Catharina, futura duquesa de Bragança.» (Vasconcelos, 1994, p. 36).

18 Cf., entre outros, Jonge, 1991. Tb. Resende, *op. cit.*

19 Cit. in Carvalho, 1998, p. 163.